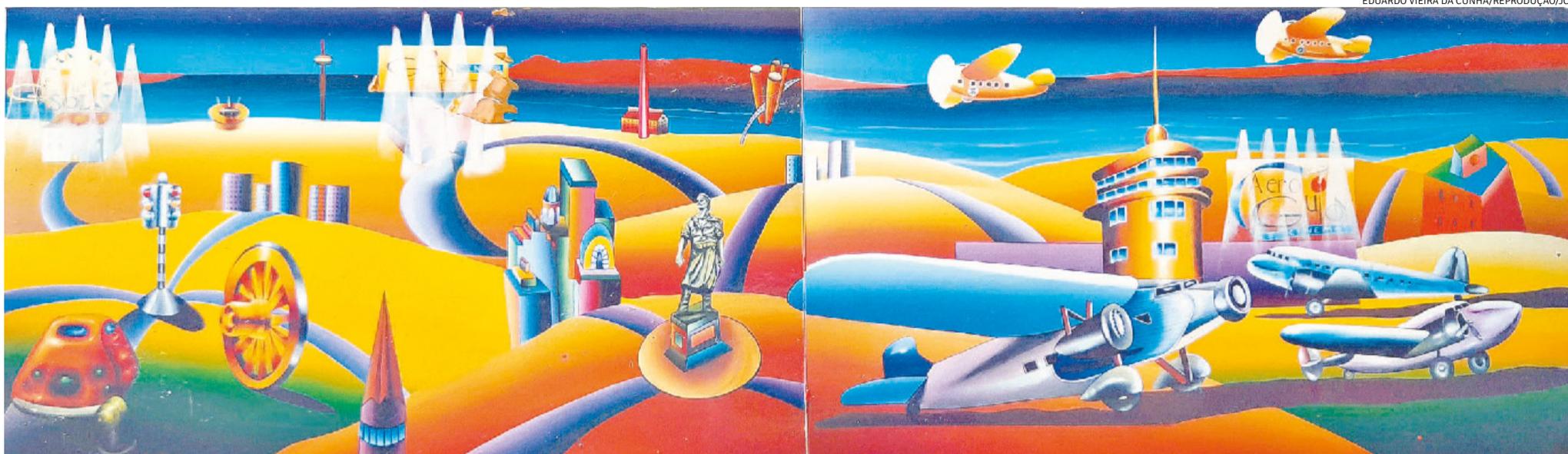


# reportagem cultural



EDUARDO VIEIRA DA CUNHA/REPRODUÇÃO/JC

## Na arte se experimenta, se erra e se acerta

Márcio Pinheiro, especial para o JC \*

A arte - como o samba - não se aprende no colégio. Mas foi como aluno do Colégio Anchieta que Eduardo passou a gostar das aulas de Desenho e também de Filosofia. Sua vontade era unir os dois interesses. Outro estímulo foi uma caixa de tintas que ele ganhou de D. Vicente Scherer, amigo de seus pais. Depois, já na universidade, onde ingressou em 1974, aos 18 anos, e teve como professores Alice Soares, Armino Trevisan, Cristina Balbão, Luis Barth, Costa-Cabral e Carlos Pasquetti, a paixão ficaria mais clara e lógica. “Na escola, na academia, tu podes no máximo aprender algo de história da arte, de filosofia da arte, de estética e teoria da arte. A prática mesmo vem do ateliê”, acredita Eduardo, lembrando que cada um tem seu próprio processo e que cada artista deve desenvol-

ver a sua arte em um laboratório próprio. “Experimentando, errando e acertando.” O fundamental, acrescenta ainda, é a vontade de fazer algo, uma certa obsessão em produzir uma obra.

No tempo de faculdade, Eduardo colaborava como ilustrador para publicações universitárias, envolvia-se nas discussões políticas, acreditando que a arte poderia desempenhar papel importante de transformação política e social. Mais tarde, Eduardo se deu conta de que o papel de artista não é o de liderar passeata: existem outras formas de ser revolucionário. E tem ainda a ver com a produção de uma tela: “Os detalhes que ela vai ter, as camadas. A construção de uma pintura envolve camadas que se sobrepõem: primeiro vem o fundo da tela, a cobertura com uma ou mais camadas de cor. Em seguida vem o desenho, os detalhes, as

áreas menores de cor, as veladuras (ligeira mão de tinta aplicada numa pintura, deixando transparecer a tinta que está por baixo)... Eduardo trabalha quando tem necessidade por prazo, vontade e tempo, dedicando-se normalmente pelo menos duas horas por dia. “Pelas manhãs, dou aulas e, à tarde, geralmente trabalho, ou no ateliê, ou nas tarefas da universidade. E, conforme a necessidade, muitas vezes estendo o trabalho de ateliê até a noite”.

Em média, Eduardo demora de uma semana a um mês em uma tela, dependendo sobretudo do tempo disponível para o trabalho. “Se estou com muitas atividades na universidade, tenho pouco tempo para o ateliê. O trabalho rola mais nos finais de semana, e principalmente nas férias. Tenho um ateliê na praia de Bombinhas, em Santa Catarina, onde trabalho bastante.”

Conhecedor do trabalho de Eduardo há mais de 40 anos, o marchand Renato Rosa atesta: “Estive em Paris para ver sua exposição e nos divertimos muito, vendo boas exposições. Gosto demais dele e de sua obra. É um artista de indiscutível qualidade formal e de estilo próprio. Sua obra constitui-se num dos alicerces da contemporaneidade no Rio Grande do Sul.”

Uma das preocupações de Eduardo é com a maneira como o artista transita. “A academia consegue até te dar alguns atalhos sobre a técnica, fazer copiar para

aprender. Mas creio que o que é mais importante lá é o convívio, a camaradagem, o incentivo, a troca que existe entre alunos e professores.” Para Eduardo, o artista e sua arte precisam chegar ao público, serem vistos e apreciados. “Como tenho estrada, alguns jovens artistas me procuram, em busca de conselhos, de conversas, de indicações. Todos querem saber como é possível a arte circular. Por isso considero importante o trabalho desenvolvido pelos marchands e pelas galerias, principalmente para incentivar artistas novos e desconhecidos.”

## A importância que a falta

Como surge uma ideia? “Surtem em momentos anteriores, seja em aulas, seja revisitando pinturas antigas, seja em momentos mais inesperados, como caminhando, praticando a natação, por exemplo”, explica Eduardo. “Os sonhos têm também papel importante nesse processo: às vezes sonho com algum lugar, uma situação. É o mote, o passo para um esboço”. Por fim, Eduardo reconhece que vez por outra recorre a coleções diversas: de fotografias, de carros em miniaturas, de aviões. “Quando vejo, estão migrando para a tela.”

“Não é um narcisismo, mas uma vontade de sedução”, compara Eduardo, explicando como se dá esse complexo jogo de interesses e sentimentos. “Veja o narcisista: ele nunca está satisfeito. Sempre lhe falta algo. O elemento falta é importante, e foi no meu caso: a falta da imagem real, não a transmitida. Tudo o que aconteceu fica

armazenado no inconsciente.”

Eduardo também lê muito: literatura em geral, autores como Paul Auster, Hiraki Murakami, Borges, Machado de Assis, Leonardo Padura, além de muitos ensaios e, obviamente, livros sobre filosofia da arte e fotografia. Outra fonte de inspiração é viajar. “Sempre gostei de viajar. Vivi três anos nos Estados Unidos, mais de quatro na França. Todos os anos vou à Lisboa, onde mantenho um intercâmbio com a Universidade de Lisboa, na Belas Artes de lá. As viagens e os conhecimentos adquiridos com os livros me ajudam muito. Fui um grande apreciador de histórias em quadrinhos, e acho que elas me influenciaram muito também”. Robson Pereira acrescenta: “Sorte minha de poder conviver e trocar figurinhas das mais variadas, do erudito ao almanaque, com uma pessoa como ele. Sempre disposto a conversar, comemorar o simples fato



TÂNIA MEINERZ/JC

Para Eduardo Vieira da Cunha, a arte, na prática, se aprende no ateliê: “Experimentando, errando e acertando”